



A Santa Sé

XVI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

REFLEXÃO DO SANTO PADRE

Momento de oração pelos migrantes e refugiados

*Junto da escultura na Praça de São Pedro
Quinta-feira, 19 de outubro de 2023*

[Multimídia]

Nunca conseguiremos agradecer suficientemente a São Lucas por nos ter transmitido esta parábola do Senhor (cf. *Lc* 10, 25-37). A mesma está também no centro da Encíclica *Fratelli tutti*, porque é uma chave, eu diria *a* chave, para passar do isolamento que sofre o mundo a um mundo aberto, dum mundo em guerra à paz num mundo diferente. Escutamos a parábola, esta tarde, pensando nos migrantes, aqui representados nesta grande escultura, com homens e mulheres das mais variadas idades e proveniências; e, no seu meio, os anjos que os conduzem.

A estrada, que levava de Jerusalém a Jericó, não era segura, tal como hoje não o são as numerosas rotas migratórias que atravessam desertos, florestas, rios, mares. Quantos irmãos e irmãs estão, hoje, na mesma condição daquele viandante da parábola! Tantos! Quantos são roubados, espoliados e espancados no caminho! Partem enganados por traficantes sem escrúpulos; depois são vendidos como mercadoria de intercâmbio. Acabam sequestrados, prisioneiros, explorados e reduzidos à escravidão. São humilhados, torturados, estuprados. E muitos, muitos, morrem, sem nunca chegar à meta. As rotas migratórias do nosso tempo estão cheias de homens e mulheres feridos e abandonados semimortos, cheias de irmãos e irmãs cujo sofrimento brada aos olhos de Deus. Com frequência, trata-se de pessoas que fogem da guerra e do terrorismo, como infelizmente temos visto nestes dias.

Também hoje, como então, há quem veja e passe além, criando-se com certeza uma boa justificação, mas na realidade fá-lo por egoísmo, indiferença, medo. Esta é a verdade. Diverso é o procedimento daquele samaritano... Diz o Evangelho que, ao ver aquele homem ferido, *teve compaixão dele* (cf. 10, 33). Esta é a chave. A compaixão é a marca de Deus no nosso coração. O estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura: este é o estilo de Deus. E a compaixão é a marca de Deus no nosso coração. Esta é a chave. Aqui está o ponto de viragem. Na verdade, a partir daquele momento, a vida daquele ferido começa a melhorar, *graças àquele estrangeiro que se comportou como irmão*. E assim o fruto não é apenas uma boa ação de assistência; o fruto é a fraternidade.

Como o bom samaritano, somos chamados a fazer-nos próximo de todos os viandantes de hoje, para salvar a sua vida, cuidar das suas feridas, aliviar o seu sofrimento. Para muitos, infelizmente, é já demasiado tarde e só nos resta chorar sobre o seu túmulo, se é que tiveram um, ou sobre o Mediterrâneo que acabou por ser o túmulo. Mas o Senhor, que conhece o rosto de cada um, não o esquece.

O bom samaritano não se limita a socorrer, no caminho, o desventurado viandante; coloca-o no seu burro, leva-o para uma pousada e cuida dele. Aqui podemos encontrar o sentido dos quatro verbos que resumem a nossa ação com os migrantes: acolher, proteger, promover e integrar. Os migrantes devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. Trata-se duma responsabilidade a longo prazo; de facto, o bom samaritano compromete-se à saída para quando regressar. Por isso, é importante preparar-nos adequadamente para os desafios das migrações de hoje, cientes naturalmente das questões críticas que levantam, mas também das oportunidades que oferecem para o crescimento de sociedades mais inclusivas, mais graciosas, mais pacíficas.

Permitam-me assinalar aqui a urgência doutra ação, que não está contemplada na parábola. Temos todos de nos comprometer em tornar mais segura a estrada, para que os viandantes de hoje não caiam vítima dos salteadores. É necessário dobrar de esforços para combater as redes criminosas, que especulam sobre os sonhos dos migrantes; mas ocorre igualmente indicar-lhes estradas mais seguras. Há necessidade, pois, de maior empenho para se ampliar os canais migratórios regulares. No cenário mundial atual, é evidente a necessidade de fazer dialogar as políticas demográficas e económicas com as políticas migratórias, em benefício de todas as pessoas implicadas, sem nunca nos esquecermos de colocar no centro os mais vulneráveis. E é preciso também promover uma abordagem comum e corresponsável da governação dos fluxos migratórios, que parecem destinados a aumentar nos próximos anos.

Acolher, proteger, promover e integrar: este é o trabalho que devemos fazer.

Peçamos ao Senhor a graça de nos fazer próximo de todos os migrantes e refugiados que batem à nossa porta, porque hoje «quem não é salteador e quem não passa ao largo, ou está ferido ou

carrega aos ombros algum ferido» (Francisco, *Fratelli tutti*, 70).

E agora vamos fazer um breve momento de silêncio, recordando todos aqueles que não conseguiram realizar o seu intento, que perderam a vida ao longo das várias rotas migratórias, e quantos foram explorados, escravizados.